

Imprensa Nacional  
Biblioteca Machado de Assis



B0033545

F  
981  
159

ARCO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO

CENTENARIO  
DO  
BISPADO DE CUIABÁ

A sessão de 26 de Julho de 1926

\* Discursos de D. AQUINO CORRÊA  
e do Dr. B. F. RAMIZ GALVÃO. \*



RIO DE JANEIRO  
IMPRESA NACIONAL  
1926

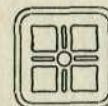
F 262.12  
159c



CENTENARIO  
DO  
BISPADO DE CUIABÁ

A sessão de 26 de Julho de 1926

\* Discursos de D. AQUINO CORRÊA  
e do Dr. B. F. RAMIZ GALVÃO. \*



RIO DE JANEIRO  
IMPRESA NACIONAL  
1926



B0033545

F  
262.12  
AC





## INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO

88° ANNO — 4ª SESSÃO ORDINARIA, REALIZADA AOS 26 DE  
JULHO DE 1926

PRESIDENCIA DO SR. CONDE DE AFFONSO CELSO

A's 21 horas, abre-se a sessão com a presença dos senhores Conde de Affonso Celso, Benjamin Franklin Ramiz Galvão, Max Fleiuss, Agenor de Roure, Augusto Tavares de Lyra, Felix Pacheco, Olympio Arthur Ribeiro da Fonseca, José Maria Moreira Guimarães, Manuel Cicero Peregrino da Silva, Antonio Borges Leal Castello Branco, Alfredo Valladão, Eugenio Vilhena de Moraes, Afranio Peixoto, Alfredo Ferreira Lage, Adolpho Augusto Pinto, Eduardo Marques Peixoto, João de Oliveira Sá Camelo Lampreia, Jonathas Serrano, Basilio de Magalhães, Carlos da Silveira Carneiro, Miguel Joaquim Ribeiro de Carvalho, Carlos Miguel Delgado de Carvalho, Raul Tavares, Emilio Fernandes de Sousa Docca e Miguel Calmon du Pin e Almeida.

O SR. AGENOR DE ROURE (2º *secretario*) lê a acta da sessão anterior, que, sem debate, é unanimemente approvada, e, a seguir, procede á leitura das *Ephemerides Brasileiras*, do Larão do Rio-Branco, na parte em que se referem á data da sessão.

O SR. FLEIUSS (1º *secretario perpetuo*) communica que se acha na casa o sr. d. Francisco de Aquino Corrêa e re-

BIBLIOTECA DA HISTÓRIA E GEOGRAPHIA DO BRASIL	
DEPARTAMENTO DE IMPRENSA E BIBLIOTECA	
BRASÍLIA	
NUMERO	DATA
F1500	24/10/50



quer a nomeação de uma commissão que o introduza no recinto.

O SR. PRESIDENTE nomeia os srs. Fleiuss, Manuel Cicero, Agenor de Roure, Alfredo Lage, Vilhena de Moraes, Jonathas Serrano, Camelo Lampreia e Sousa Docca, para esse fim.

O sr. d. Francisco de Aquino Corrêa presta o compromisso dos Estatutos, e toma assento no recinto social. (*Muitos applausos.*).

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpetuo*) diz que a sessão, de ordinaria que fôra, se ha convertido em sessão solenne, graças a duas circumstancias. Primeira, pelo comparecimento de numerosas pessoas gradas, senhoras e cavalheiros, entre os quaes se destacavam elevadas autoridades ecclesiasticas e civis, como o preclaro senador Antonio Azevedo, vice-presidente do Senado Federal, substituto eventual do Chefe da Nação; os ministros da Agricultura e do Exterior, ambos socios do Instituto, o sr. Prefeito do Districto Federal e os exmos. e revmos. srs. bispo de Goyaz e prelado do Rio Negro. A todos o INSTITUTO apresenta cordiaes agradecimentos.

Segunda, pelo consideravel valor espirital e moral do novo consocio, que, jubiloso, o INSTITUTO acolhe em seu gremio.

Trata-se, com effeito, de eminente principe da Igreja, insigne homem de letras, homem de sciencia e homem de Estado, poeta, tribuno, jornalista, polygrapho, de consagradas capacidades e excepçionaes serviços á Religião e á Patria.

Far-lhe-á as honras da casa quem realmente se acha á altura d'elle e disso, o eminente prolator dos sentimentos, ideaes e tradições do INSTITUTO, sua expressão viva, o barão de Ramiz Galvão.

Quanto a elle, presidente, é com regosijo, desvanecimento, reverencia, affectuosa effusão que, antecipando applausos e congratulações, tem a honra de pedir a s. ex. revma. o sr. Arcebispo de Cuiabá que faça ouvir a sua sempre eloquente, prestigiosa e autorizada voz. (*Applausos prolongados.*).

O SR. D. FRANCISCO DE AQUINO CORRÊA, da tribuna, proferiu o seguinte discurso:

---

## DISCURSO DE D. AQUINO CORRÊA

---





Exmo. Sr. Presidente do INSTITUTO HISTORICO,  
Exmos. e Revmos. Senhores,  
Exmas. Senhoras,  
Meus Senhores,  
Illustres confrades,

Muito haveria com que me desvanecer nesta hora solenne, se não fôra a consciencia de que a pessoa do recipiendario, aos esplendores meridianos desta noite evocativa, se eclypsa aqui por completo, esvaindo-se toda na pallidez de um symbolo.

Porquanto bem sei, e commigo todos sabeis que, para a honrosa investidura, com que se me quiz hoje distinguir, não são, nem podem ser credenciaes bastantes umas poucas de excursões á tóa pelos jardins em flôr das lettras, a êntrelaçar, como diria Figaro, alguns ramilhetes a Chloris: *en faisant des bouquets à Chloris*.

A verdade é que o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, fiel ao seu patriotico programma, não quiz deixar despercebida uma ephemeride memoravel da nossa historia: o Centenario do Bispado de Cuiabá. Centenarios são evocações. E' um seculo que resurge das necropoles do passado. ao clangor das tubas angelicas da posteridade. O seculo são os seus homens, e em se tratando da historia ecclesiastica, são, sobre tudo, os apóstolos, os evangelizadores, são os bispos e sacerdotes, são, em uma palavra, os vexillarios da civilização christã, penetrando em alvoradas de nova luz, o recesso das consciencias e o amago dos continentes.



Era, pois, natural que, desejando o Instituto celebrar a memoria dos grandes vultos da Igreja Cuiabana, e procurando-lhes um representante, fosse encontrá-lo naquella que, por designio insondavel do Altissimo, occupa actualmente o mesmo solio venerando, sobre o qual se desdobra hoje a aureola majestosa das instituições seculares. E aqui tendes, Senhores, o novo socio honorario do Instituto Historico e Geographico Brasileiro.

Já vêdes que é elle, como vos eu disse, apenas um symbolo, e o symbolo mais não é do que a sombra, ou, si quizerdes, o reflexo do que elle representa. Tão grande, porém, e tão glorioso é este symbolismo, que, longe de em mim diminuir, multiplica, ao revés, os sentimentos de gratidão para com o INSTITUTO, a quem devo agradecer, como com todas as veras d'alma ora agradeço, não só a a alta investidura de socio, senão tambem a representação honrosa de tão illustres antepassados e, mais ainda, esta verdadeira apothese da legendaria Sé Cuiabense.

#### O PANTHEÃO DA NOSSA HISTORIA

O Centenario do Bispado de Cuiabá não podia receber maior consagração historica do que esta, a que hoje se lhe confere neste santuario quasi secular do passado e das tradições da nacionalidade. Disse santuario, e praz-me insistir no termo, que, embora profanado, por vezes, e acalanhado ao nivel dos logares communs, de que se usa e abusa, re-adquire aqui toda a sua nativa majestade.

Nem outra póde ser a idéa que se forme quem quer que attente num Instituto como este, quasi contemporaneo da Patria autonoma, Instituto sobre o qual paira auspiciosamente a sombra augusta daquella que foi, entre nós, ao mesmo tempo Cesar e Mecenas, Instituto em cujos pergaminhos, 88 annos de trabalho o mais proficuo imprimiram já o sello da immortalidade.

De mim para mim, foi sempre assim que o idealizei, á feição de templo antigo, recortando, no alto de solitario monte, a sua architectura dorica e singela. E' o mirante da nossa historia. Lá se debruçam as vedetas do pensamento nacional, atalaiando os horizontes e os seculos.

Na frontaria severa, decorando o largo frizo, lê-se esta inscripção, que parece derramar a paz e o consolo na alma dos que sobem da planicie, onde fervilha a luta pela vida: *pacifica scientiae occupatio.*

Entra-se, e a impressão é a mais semelhante possível á de quem penetra no silencio religioso das ermidas. Sente-se que paira, no extase do ambiente, um quê da divindade. E' o culto da antiguidade, esta bella manifestação da eternidade divina, que já impressionára o propheta em sua visão de Jehovah, revelando-se-lhe como o ancião de dias: *antiquus dierum.* E' o contacto com as velhas edades, elevando o espirito á contemplação dos annos eternos, como parece iaculcar o versiculo latino dos psalms: *cogitavi dies antiquos, et annos æternos in mente habui.*

Sobre o marmore das aras, entre cimelios e codices veneraveis, jaz a arca santa do Instituto com os seus 160 volumes, onde vive, immortal, a nossa historia, sob as azas tutelares de dous espiritos celestes: o cherubim da sciencia e o seraphim do patriotismo.

Em torno, muitas lampadas ardem noite e dia: são os pensamentos dos socios, que já desapareceram, mas ainda illuminam as noveis gerações da Patria.

Em seus logares de honra, trabalham hoje os novos sacerdotes da verdade historica, todos elles sabios e patriotas. Tres, porém, se destacam, para logo, de em meio á nobre e douta assembléa. Um delles tem a irradiação mysteriosa dos inspirados, em cuja cabelleira, já enluarada pelos annos, como que se adivinha o bafejo harmonioso das musas. Prototypo perfeito do homem de letras, em suas mãos a historia, revestindo a elegancia attica dos Xenophontes e Cesares, sobredoura-se ainda nas auroras polares do mais ardente patriotismo. E' o mystagogo do templo. E' o Presidente do Instituto. E' o Conde de Affonso Celso.

Outro tem a silhueta expressiva do sabio, é o decano do Instituto, a quem já vae por meio seculo que presta os mais intelligentes serviços. Nelle se encarna hoje para nós o typo venerando de Nestor, cuja individualidade homerica elle evoca pela sua vasta cultura hellenica, pela prudencia dos conselhos com que tem illustrado gerações inteiras de bra-



sileiros, e pela doçura classica da sua palavra, como orador perpetuo, que é, do Instituto. Ahi o tendes: o Barão de Ramiz Galvão.

O terceiro, que se diria o trabalho feito homem, é a alma do Instituto, idolatra das nossas velhas cousas, pesquisador entusiasta, cuja vivacidade não envelhece, mas se lhe reflecte no estylo rapido e nervoso, com que sabe refflorir o passado nas "chronicas da saudade". E já adivinhastes, por certo, o nome do Secretario Perpetuo do INSTITUTO: Max Fleiuss.

Neste monumento nacional de homens vivos e reliquias immortaes, ao longo de cujos muros de granito rebrilham, em placas de bronze, os grandes acontecimentos da Patria, é que se grava tambem hoje, com este rito suggestivo e solenne, o Centenario da Diocese Cuiabana.

#### A SIGNIFICAÇÃO DO CENTENARIO

E a data centenaria, Senhores, bem merecia esta consagração nacional e gloriosa. Cidade a mais central da America do Sul, Cuiabá representa na historia a maior penetração da alma bandeirante do Brasil, fixando-se, á força de heroismos, no coração do continente.

De Cuiabá já dizia, no segundo quartel do seculo XVIII, o patriarcha dos seus chronistas, José Barbosa de Sá, a quem entretanto, será razão exculpar algumas falhas, insignificantes, aliás, nos calculos que offerece. "Acha-se esta villa, escrevia elle, na parte mais interior da America Austral, em altura de quatorze grãos não completos, ao sul da linha, quasi em igual paralelo com a Bahia de Todos os Santos, pela parte oriental, e pelo occidente, com a cidade de Lima, capital da provincia do Perú. Distante da Villa-Bôa de Goyaz tresentas leguas, da cidade de Matto Grosso oitenta, e do arraial de Santo Antonio dos Araés cento e cincoenta, que são as povoações mais vizinhas que tem, esta terra de permanentes minas de ouro, é tambem idonea para a producção de todos os fructos, que se lhe plantem, e criações de gado de toda a qualidade. O clima é bastantemente calido. e depois que se foi cultivando, o mais salutifero que em todo

o mundo pode haver; tão favoravel que de algumas poucas vaccas, que se trouxeram no anno de 1739, em menos de dez annos, se vio tanta multiplicação de gado vaccum, que cobrio os campos e cerrados". Até aqui o respeitavel chronista.

Implantada assim em pleno *interland* americano, Cuiabá foi tambem, como sabeis, o centro donde irradiou, mais tarde, na patriotica avancada contra o meridiano de Tordesilhas, afastando-o sempre mais para o occidente, a migração luminosa dos sertanistas, que dilataram as fronteiras da Patria.

E Cuiabá foi um dos mais verdadeiros e ricos eldorados do bandeirante. A Serra da Prata não passou de lendario sonho: Cuiabá florio na mais bella realidade. A Serra das Esmeraldas esfumou-se em tragica illusão: Cuiabá concretizou-se definitivamente na historia. A Serra dos Martyrios, com o seu rio a rolar sobre ouro, actuou apenas como um ideal, estimulando as energias do sertanista: Cuiabá foi a sua conquista real e gloriosa.

Assim é que Paschoal Moreira Cabral e Miguel Sutil, lançando os fundamentos da futura metropole de Matto Grosso, traçaram nos annaes da Patria, um capitulo não menos brilhante e significativo, do que o proprio Antonio Raposo Tavares, palmilhando o sertão mysterioso, na arrancada homérica de São Paulo ao Perú, e do que Fernão Dias Paes Leme, lombado mortalmente ás margens do Guaicuy, na allucinação suprema da sua febre de esmeraldas.

#### OS PRODROMOS DO CENTENARIO

O Centenario, demais disto, não evoca apenas estes ultimos cem annos da historia ecclesiastica de Cuiabá, mas revive tambem as memorias de quantos prepararam, por assim dizermos, os alicerces do seu venerando solio episcopal.

E quem nos dera enfeixar aqui, em tão pequeninas paginas, todo esse vasto passado heroico! Quem nos dera para isso, a arte divina do escudo de Achilles, onde Vulcano gravára toda a historia dos mundos, ou sequer o mimo artistico daquella taça de buxo perfumado, de que nos falla Theocrito, obra-prima da Etolia, toda bordada de tantas scenas vivas, idyllos e marinhas, rendilhando-se caprichosamente



em festões de hera e folhas de acantho, racemos de purpura e flores de ouro!

Quem nol-a déra, e verieis passarem aqui, sacudidas nervosamente pelas cachoeiras do Tieté, as intrepidas monções tripuladas pelos argonautas do sertão, vel-as-ieis que, transpondo o magnifico divisor das aguas entre as grandes bacias do Paraná e Paraguay, vão de rio em rio, de selva em selva, de recontro em recontro, arvorar a cruz nas reconditas paragens do predestinado valle cuiabano.

Assistirieis aqui á resistencia formidável do Paiguá, na vastidão das aguas em flor dos Xaraés e a dos Coxipónés triumphantes, á sombra das mattas primitivas do rio, que ainda hoje lhes guarda o legendario nome.

Contemplarieis, alcandorada na barranca do Coxipó-Mirim, a igreja da Forquilha, igreja de N. S. da Penha de França, a primeira igreja da minha terra, de cujo altar irradiou pelo sertão o primeiro sorriso da Virgem Maria; igreja, onde o Padre Jeronymo Botelho elevou, pela primeira vez, entre os arômatas da terra virgem, a Hostia sacrosanta, igreja, que não mais existe, mas embalsama ainda as nossas velhas chronicas, num perfume inextinguivel de flor celestel

Acompanhariamos Miguel Sutil, o bandeirante de Sorocaba, aos sitios agrestes, marchelados de ouro, onde hoje floresce, num verdor perenne de primaveras, a metropole matogrossense.

Ouviriamos, com emoção, a primeira Missa celebrada por Frei Pacifico dos Anjos, na pequenina igreja do Capitão-Mór Jacyntho Barbosa Lopes, egrejinha toda coberta de palha, que seria hoje a Cathedral centenaria do Arcebispado.

Pôr-se-vos-ia em relevo, diante dos olhos, a silhueta rigida de D. Rodrigo Cesar de Menezes, o general que inspirou a Washington Luis as mais bellas paginas sobre a historia antiga daquellas minas, e levantou, entre festas e luminarias, o pelourinho da Villa Real do Senhor Bom Jesus do Cuiabá.

Admirarieis os bronzeos perfis medievos dos Capitães-Generaes de Villa Bella; releriamos com ternura, em lettras de ouro, os nomes dos primeiros sacerdotes cuiabanos: Francisco Pinto Guedes, José Manoel de Siqueira, Francisco Xavier dos Guimarães Britto e Costa; assistiriamos ao ingresso

proceSSIONAL do Bispo de Ptolomaide, D. Luiz de Castro Pereira, o primeiro prelado e a primeira mitra, que entrou por aquelles serlões, faiscando aos éstos da soalheira, na historica manhã de 16 de Agosto de 1808, toda engalanada em arcos de triumpho.

#### HEROES HUMILDES

Mas basta, Senhores, que me não seria dado citar aqui, perante vós, todos os magnates da igreja matogrossense, e nem sequer aquelles sós, cujos nomes lhe encheram este ultimo seculo, a findar agora, por doce milagre, não em melancholias de occaso, mas no sorriso desta alvorada.

Seja-me licito, pois, invertendo embora a praxe dos oradores, trazer ao resplendor desta ribalta da nossa historia, não aquelles nomes, sobre os quaes já verdeja, perenne, a laurea da immortalidade, mas outros, cuja representação, por mais humildes, talvez a mim melhor me caiba, e cuja glorificação, por mais esquecidos, talvez melhor realce a justiça destas posthumas homenagens.

Assim é que não vereis aqui passarem as figuras aristocraticas de D. José Antonio dos Reis, o primeiro bispo, nem de D. Carlos Luiz d'Amour, o primeiro arcebispo de Cuiabá, ambos elles socios deste Instituto, e já perpetuados na galeria dos proceres da Patria.

Não busqueis tão pouco nestas paginas a personalidade notavel de outro consocio nosso, cuiabano insigne, o Conego José da Silva Guimarães, escriptor e politico, a quem o Instituto deve a memoria sobre os indios Apiacás, e retribuiu solemnemente com as honras funebres tributadas aos seus meritos, quando, nesta mesma capital, aos 9 de Novembro de 1844, baixou-lhe o corpo ao tumulo, na Igreja de S. Francisco de Paula.

Outras memorias apraz-me aqui evocar, e são as dos mais modestos obreiros da civilização que desfructamos, as dos precursores dos Capitães-Generaes e dos bispos, as dos anjos da guarda do bandeirante, as dos continuadores de Anchieta, as dos batedores das milicias apostolicas, as dos que representam no mundo inteiro a vanguarda da Igreja do



Christo, memorias ainda ha pouco, no Anno Santo, celebradas tão carinhosamente por Pio XI, o Papa das Missões, memorias tanto mais dignas, quanto mais humildes, as dos missionarios catholicos da minha terra, obscuros heróes da igreja matogrossense.

Heróes são estes, cuja odysseá não foi ainda escripta. São missionarios que apostolaram os centros civilizados, e os que levaram o evangelho ás malocas barbaras. São estes ultimos, em geral, os representantes das varias Ordens religiosas. Pois, salvo os Terceiros Franciscanos em Cuiabá e Caceres, os Lazaristas em Cuiabá, e os Carmelitas que exerceram proficuamente o seu zelo apostolico na parochia de Corumbá, as demais religiões que lá foram, entregaram-se todas á catechese do selvagem.

Destá é que nos occuparemos, dividindo a sua historia em tres épocas, que, aliás, coincidem quasi com os tres seculos, pelos quaes já se espraia a historia de Matto Grosso: a dos jesuitas, a dos franciscanos e a dos salesianos. E se não fôra a surpresa desta sessão urgente, que me tomou assim, tão desaperecebido de notas e documentos, nada mais interessante seria, do que seguirmos de perto esses andarilhos sublimes do Evangelho, pontilhando, com a haste da cruz, a via-lactea da civilização atravez do continente. Tentemos, comtudo, Senhores, acompanhál-os, mesmo de longe, nessa romaria secular e gloriosa.

### O SEculo DOS JESUITAS

Quem folheia attentamente as nossas chronicas primevas, afigura-se-lhe que um destino tragico paire sobre a catechese em Matto Grosso.

Abre-se ella, promissoramente, no grande seculo dos jesuitas. Bem poucos dos que hoje atravessam, nos carris da Noroeste do Brasil, a risonha mesopotamia que se estira do Paraná ao Paraguay, espalmando-se, docemente ondulada, nos vastos chapadões soalheiros de Maracaju', bem poucos se lembrarão de que alli floresceram outr'ora as missões hespanholas dos jesuitas, muito antes que as monções de Ariritaguaba esflorassem, de arrepio, a corrente selvagem do rio Pardo, e só precedidas alli pelo pé legendario e fugitivo

de Aleixo Garcia, e pelos famosos "adelantados" do Paraguay no arremesso epico para as miragens do Eldorado.

A historia guardou os nomes de algumas dessas reduções: S. José, Anjos, S. Pedro e S. Paulo, N. S. da Fé, S. Ignacio de Cataguassu' e outras, sobre as quaes todas, medrava em maiores promessas a povoação de Xerez, á beira das pittorescas aguas de Embotetey, o Aquidauana dos nossos dias.

Mas quando as bandeiras gloriosas do cyclo, que bem se poderia chamar da Serra dos Martyrios, retilharam aquellas alacres campinas, só se lhes deparou, no silencio das taperas, a solidão prehistorica dos araxás, recortados, de novo, pelo rasto arisco do nomade bravio.

E' que por alli passára a gaziva formidavel de Antonio Raposo Tavares, o temerario emboaba de Quitauna, que embora tão devoto de Nossa Senhora, tudo arrazou, nada poupando, em seu paroxysmo patriotico, nem mesmo a Cruz, por que empunhada alli por mãos estrangeiras.

E o primeiro chronista das minas do Cuiabá, de quem já vos acima fallei, teve que iniciar as suas paginas veneraveis com esta impressão de ruinas, redouradas embora pela sua inflammada visão de patriota.

"Acha-se ainda hoje, diz elle, nestes lugares por memoria, um montão de telhas arrumadas, coberto de matto, um quarto de legua afastado da barra do rio Panema, entrando-se pelo matto dentro, e, carregando á mão direita, a rumo de sudoeste; e mais adiante, uns campestres, aonde se vêem muitos cacos de louças e telhas, signaes de que foram aldeias por aquelles lugares, hoje tudo deserto. Subindo o rio Pardo, tomando a barra dos Anhanduys... e navegando estes acima, até as vertentes que cahem para o Paraguay, que formam o rio Embotetey e outros, acharam seis povoações de gente castelhana, brancos, indios e mestiços, com igrejas, casas de telha, officinas, criações de bois, cavallos e carneiros, a quem os nossos famosos capitães, como fieis portuguezes fizeram guerra, repetidas vezes, até que pondo em fuga os brancos, recolheram muitos indios, destruíram e queimaram as feitorias, vendo pertencerem aquelles lugares aos dominios de Portugal, aonde se acha por memoria algum gado vaccum, chamados hoje as Vaccarias; o que causou tanto espanto e



temor ás povoações da provincia do Paraguay, que alli mais não tornaram; e, a não ser isso, seriam hoje do dominio de Hespanha, todos os nossos lugares, até S. Paulo, Minas Geraes, Goyaz e Cuyabá.”

Assim reza a vetusta chronica.

Sorte analoga tiveram as prosperas colonias ás margens do Guaporé, onde a diplomacia armada de duas nações, que brigavam por uma linha, collocou inconscientemente, face a face, uns contra outros, os missionarios portuguezes de Agostinho Lourenço e os castelhanos de Raymundo Laynez, exploranção-lhes o nacionalismo, numa rivalidade desedificante e ingloria.

Assim desappareceram tambem aquellas importantes missões, que ainda hoje vivem, porém, nas tradições profundamente religiosas e na gratidão dos netos das velhas tribus.

#### ALDEIA VELHA

Não menos triste foi o descalabro da futura missão da Chapada, a linda serra que, ao sol das tardes, projecta sobre a cidade de Cuiabá, em rumo de nordeste, os seus itambés dourados.

Lá se estabelecêra o Padre Estevam de Castro, e por algum tempo, tambem o Padre Agostinho Lourenço, que tinham viajado ambos na comitiva de D. Antonio Rollim de Moura, o primeiro governador da novel capitania.

Tudo se encaminhava do melhor modo possivel, senão quando eis, que, decorridos apenas sete annos, em 1758, a côrte portugueza, esboçando já os prodromos da terrivel perseguição, ordenava ao Capitão-General, em carta régia de 22 de Agosto, remetteste ao Pará “todos quantos religiosos da dita profissão (jesuitas) apparecessem nesses sertões, ou sejam portuguezes, ou sejam castelhanos.”

Ia desapparecer para sempre do scenario da historia matogrossense, a inelyta Companhia de Jesus. Della só restam hoje, no alto daquella serra, vestigios que mal se ras-tejam: dentro da grande igreja da Freguezia, algumas imagens pertencentes á antiga missão, e fóra, o curioso adro, calçado de seixos roliços, que a tradição reza terem sido trans-

portados pelos indios, sob a direcção dos Padres, desde o profundo valle do Coxipó-Mirim.

Mais suggestiva é, naquelle planalto, a tapera solitaria da Aldeia Velha. Alli fóra a primitiva redução, mas hoje só lhe perdura o nome, na selvagem cabeceira, cujas limpidas aguas, que outr'ora a banhavam, ainda lá cantam nostalgicamente, trepidando á flôr da linda Chapada dos Guimarães, onde a alfavaca bravia embalsama os ares, e o capim membéca des-abrocha á beira das mattas, o setim das suas paniculas alvas.

Aldeia Velha! Este nome resôa como um éco melancolico do passado, no silencio dos chapadões desertos. E o viajante que alli o escuta, cuida ver o Padre Estevam, em meio á tribu, que lhe pende dos labios, levantar ainda a sua cruz de missionario, naquellas culminancias da terra cuiabana, como que abençoando, lado a lado, os seus horizontes interminos.

E quem poderá dizer o que seriam hoje aquelles sitios, si alli tivesse continuado a acção poderosa da Companhia, se-meadora de cidades, alli, onde os cuiabanos sonham a sua Petropolis, alli, onde os cafeeiros coram, ao beijo alacre de um sol sem rival, no rubi precioso das bagas fartas e sadias?

Tudo passou. A capoeira amortalhou, num verdor inutil de esperanças, as ruinas da catechese. Mas dir-se-ia que pese ainda sobre a terra, a responsabilidade do velho gesto de ingratição e sem justiça.

A freguezia, que graças ao braço escravo, prosperou outr'ora, decahiu novamente, e hoje, num contraste vivo com o sorriso gaio do seu clima, incute na alma a impressão dolorosa das povoações desoladas e evanescentes.

#### O ABANDONO DA CATECHESE

Do erro que foi para a politica portugueza a retirada dos jesuitas do Brasil, já disse Roberto Southey no mais insuspeito dos veredictos: Pombal prejudicou a si proprio, privando-se dos unicos agentes capazes de levar a effeito os seus grandiosos projectos, para a incorporação dos aborigenes em um só povo. Mas de outra terra não sei, que mais tenha soffrido com isso, do que Matto Grosso.

A catechese desfloriu. O indio acouo novamente em sua barbarie. Apesar da proverbial habilidade do Governador Luiz



de Albuquerque, tratando quasi diplomaticamente aos caciques, as correrias recrudesceram.

E precisamente a nação dos Boróros, a quem o Jesuíta começára de consagrar os seus trabalhos apostolicos, é que ia tornar-se a mais perigosa de todas, desempenhando no seculo XIX, o papel dos Caiapós e Paiaguás do seculo XVIII, na reacção tremenda contra a civilização mattogrossense.

A situação preocupava, nem podia deixar de preocupar ao Governo. A attitude embaraçosa de D. João VI, por exemplo, deprehende-se até da seguinte pagina da *Vida de D. Viçoso*, que estou certo ouvireis de boamente, porquanto, além do mais, rescende ao perfume virginal do vernaculo antigo e puro.

“Andava, narra D. Silverio, o Governo de S. Magestade desejoso de mandar missionarios, que chamassem á luz da fé e da civilização as hordas selvagens de indios, que povoavam a então Capitania de Matto Grosso. Com este intento solicitou dos Padres Lazaristas se incumbissem de satisfazer aquella necessidade, pois não via outros mais aptos, nem que tantos penhores offerecessem de bom desempenho.

Aceitaram-na os zelosos sacerdotes, conhecendo bem os montes de dificuldades, com que deviam de lutar, pois não podia a empreza ser mais ardua, mais laboriosa, nem mais cheia de perigos de todo o genero. Vir de Portugal a Matto Grosso, nos principios deste seculo, e depois de batalhar com o elemento das aguas, haver de atravessar quasi duzentas leguas de terra sem estradas, por mattas infinitas, e entender na catechese de indios, os quaes de homem parece só têm a figura, correndo fortuna de receber em troco dos desvelos a morte nas pontas de suas settas, era cometimento para abater ainda os mais ousados brios. Para esta pendencia cahio a escolha dos superiores no Padre Leandro Rabello de Castro, o qual tomou para companheiro a Antonio Ferreira Viçoso...

Em fins de Novembro de 1819, depois de longa, mas prospera navegação, surgio a GRAN CANOA na bahia do Rio de Janeiro, e pojaram em terra os nossos dous Apostolos, resolutos a entender logo na missão de Matto Grosso, para a qual se vieram de Portugal ao Brasil. Havia, porém, Nosso Senhor disposto que outro fosse o destino destes obreiros seus e outros; que não os Cuiabanos; lograssem os fructos de sua vinda á nossa terra.

Desembarcados, depois de render a Deus as devidas graças por os haver trazido a salvamento, logo se foram ao ministro de D. João VI, Thomaz Antonio Portugal, por quem tinham sido chamados, a annunciar-lhes pessoalmente sua chegada, e concertar a jornada para Matto Grosso. Foram depois introduzidos á presença del Rei, que os recebeu com muito gazalhade em sua mesma camara, e conversou sobre os negocios de sua missão. Tinham-se, entretanto, mudado as cousas: a missão de Matto Grosso havia sido provida por um frade Capuechinho, de nome José de Macerata, que depois foi Prelado dessa mesma Igreja, com jurisdicção episcopal. E á conta de lhe parecer satisfeita aquella necessidade assentou o Ministro em os não mandar para alli.

Não admira pouco contentar-se Thomaz Antonio com um um só missionario para uma tal empreza, em que uns doze ou vinte não seriam sobejos, e escassamente bastariam, e dispensar por isso os dous, que para esse mister mandára convidar a Lisboa. Ou fosse por poupar fazenda, ou por evitar mistura de varios institutos em uma só missão, ou por outro motivo, assentou-se ficassem elles naquella côrte, até ver em que podiam empregar seu zelo vantajosamente”.

Até aqui o douto biographo.

Assim ficou Matto Grosso privado de contar em sua galeria historica, ao lado de Frei Macerata, a figura extraordinaria e aureolada de D. Antonio Ferreira Viçoso. Os benemeritos Padres Lazaristas foram ainda a Matto Grosso, porém, já no derradeiro quartel do seculo passado, em 1888, e não mais com destino á catechese. Lá estiveram regendo o Seminario de Cuiabá, sem contar o Padre Victor Simon, primeiro filho de S. Vicente de Paulo, que, em qualidade de capellão das Irmãs enfermeiras, enviadas pelo Governo para assistirem os cholericos de 1886, alli pisou, regressando em seguida com ellas. Os Padres do Seminario retiraram-se tambem em 1894, deixando ao povo a mais preciosa herança de evangelicos exemplos.

#### O CYCLO FRANCISCANO

Com a figura legendaria de Frei José Maria de Macerata, inaugura-se na historia da catechese em Matto Grosso, o cyclo sympathico e brilhante dos filhos de S. Francisco de Assis.



Elles sós enchem quasi todo o seculo. Foram os apóstolos do pantarral mattogrossense, a jusante de Corumbá, assim como o jesuita fôra, e os salesianos seriam, mais tarde, os apóstolos do planalto.

Frei Macerata fundou a catechese franciscana, mas não foi o primeiro religioso da sua Ordem, que se abalou até Matto Grosso. Antecedêra-o Frei Pacifico dos Anjos, o primeiro frade que poz pé em Cuiabá: era irmão do Capitão-mór Jacintho Barbosa Lopes, e foi elle, como vimos, quem installou a futura Cathedral Metropolitana, nella celebrando, pela primeira vez, em 1722, o Santo Sacrificio.

O espirito franciscano, por outro lado, mercê de Deus, não ia desaparecer em Matto Grosso, mesmo depois de extincta a catechese dos capuchinhos. Lá estão novamente, ha mais de vinte annos, outros filhos do seraphico Patriarcha: são os frades da Terceira Ordem Regular de Albi, de habito cinzento, côr historica, que lembra, como sabeis, o tratamento de *Eminence Grise*, dado vulgarmente ao celebre franciscano *Père Joseph*, o confidente do Cardeal Richelieu na côrte de Luiz XIII. Não se dedicam elles á evangelização das tribus; mas vão semeando alli o bem a mancheias, tanto assim que o Santo Padre lhes confiou a grande e difficultosa diocese de Caceres, pondo-lhes á testa um bispo da mesma Ordem, em cujo meigo apostolado reflorescem as tradições de Frei Macerata.

Era Frei Macerata natural dos Estados Pontificios e pertencia á Ordem Franciscana, chamada dos Capuchinhos. Chegando a Cuiabá em 1910, e seguindo logo para Albuquerque, á margem direita do Paraguay, estabeleceu alli o centro da sua missão evangelizadora, que se irradiou por Miranda e outros pontos.

Auxiliavam-no, e deviam, ao depois, continuar-lhe o fecundo apostolado os seus irmãos de habito, entre os quaes Frei Antonio de Molinetto, Frei Angelo de Caramonico e outros, mas sobre todos estes, Frei Mariano de Bagnaia.

E a catechese luziu em sezonados frutos, que ainda hoje duram nas tribus pacificadas, e quasi de todo integradas ao convívio da vida civil do Estado.

As duas columnas da missão, Frei Macerata e Frei Mariano, foram, entretanto, cada qual em seu tempo, distrahi-

dos para outros ministerios, que os furtavam, de todo ou em parte, aos labores da catechese.

Frei Mariano parochiou, longos annos, as freguezias de Miranda e Corumbá. Victima da invasão paraguaya, esteve preso em Assumpção, voltando, em 1870, para esta ultima parochia, onde o povo, num preito sirgelo, mas significativo de gratidão pelos seus innumerados beneficios, entre os quaes a reconstrucção da velha egreja, perpetuou-lhe o nome numa das principaes ruas da historica e elegante cidade.

A Frei Macerata alargára-se ainda mais o glorioso apostolado. Por morte do primeiro prelado, D. Luiz de Castro Pereira, a Camara e o povo de Cuiabá dirigiram ao primeiro Imperador uma representação, em que pediam a Sua Majestade a nomeação do humilde capucho para o elevado cargo prelaticio.

E assim foi feito em 1823, quando apenas quatro annos havia, que iniciára as missões de Albuquerque. Multiplicou-se o novo Prelado em obras de zelo, percorrendo a Provincia desde o Araguaya ao Diamantino, mas sentiu que a sua elevação lhe resultára em fonte dos maiores dissabores, quando, além de outros incidentes desagradaveis, vio-se exonerado e quasi expulso da Diocese pelo Governo da Regencia.

Ficou-lhe, porém, o retrato moral, bem tracejado em linhas augustas, no Decreto Imperial que o nomeára, e que peço venia para aqui citar, como o melhor resumo de toda a sua vida apostolica.

“Attendendo ao honroso testemunho, que a Camara e Povo da cidade de Cuyabá dirigiram á minha Imperial Presença, em abono das virtudes de Frei José Maria de Macerata, pedindo-o para seu pastor, por ser amante da pobreza, sabio, humilde e incançavel na reducção da Gentilidade, e sendo-me a mesma supplica reiterada pelo Deputado á Assembléa Geral daquela Provincia: Hei por bem nomear ao dito Fr. José Maria de Macerata, Prelado e Administrador da Jurisdicção Ecclesiastica de Cuyabá e Matto Grosso, que vagou pelo fallecimento do Reverendo Bispo de Ptolomaida. A Mesa da Consciencia e Ordens o tenha assim entendido, e faça executar com os despachos necessarios. Paço, em 29 de Agosto de 1823. Segundo da Independencia e do Imperio. Com a



Rubrica de Sua Magestade Imperial. Caetano Pinto de Miranda Montenegro.”

Corre nas tradições do povo que as flores depositadas sobre o feretro de Frei Macerata, foram encontradas, annos após, tão frescas e perfumosas, qual no dia da sua sepultura. Como quer que seja, o certo é que a flor luminosa da sua memoria não murchou na alma popular da minha terra, mas lá vive, exhalando, para sempre, os perfumes seraphicos do amor e da bondade.

#### A CATECHESE SALESIANA

Ao passo que, no sul, por todo o valle do baixo Paraguay triumphava na paz dos aldeamentos a catechese franciscana, acirrava-se, ao norte, contra os civilizados a animosidade secular dos Boróros, descendentes embora dos amigos de Pires de Campos e dos catechumenos dos jesuitas.

Alastravam-se as incursões pelo vasto circulo que vai das vertentes do rio das Mortes aos baixadões immensos do Cuiabá e São Lourenço: era a onda selvagem, marulhando até mesmo ás vizinhanças da Capital, na furia do odio e das represalias.

Sentado sobre a pelle do branco trucidado, como sobre o couro mosqueado do jaguar, o guerreiro barbaro recebia em ceremonial festivo, as honras que o sagravam benemerito da tribu.

E ainda hoje, quem percorre, na zona de léste, o nosso espigão central, estupendo *divortium aquarum*, onde se emaranham os mais altos manadeiros do Amazonas e do Prata, topa, a cada passo, na desolação das taperas, o attestado vivo dessas tropelias, que transformaram em sepulcarios tragicos a doce região das aguas nascentes.

Os Governos multiplicavam “bandeiras” sobre “bandeiras”, em uma verdadeira caça ao indio. Adoptou-se, por fim, processo mais suave, a que podemos chamar do sinuelo. Em 1886 o Presidente J. Galdino Pimentel encarregava o Alferes Antonio José Duarte de tentar uma approximação pacifica dos Boróros, por intermedio de indios já civilizados da mesma tribu. Ia á frente destes a legendaria india Rosa. A intenção era humanitaria, mas os resultados não podiam ser

duradouros. Attrahir alguns indios á Capital, a peso de brinde e promessas, não é pacificar, nem muito menos catechizar. E a propria Rosa Boróro, ao expirar nas margens do Parana-tinga, legava ao seu filho este ultimo conselho, em que se lhe ia toda a alma ancestral da tribu: “Não confies nos brancos; só agradam, quando precisam”.

E as guerrilhas continuaram.

Nesse momento historico, uma leva de missionarios zar-pava do porto de Montevidéo, rumo ao Norte, para além do Grão Chaco, para além mesmo dos Xaraés lendarios, onde se expande ao sol, no desafogado dos pantanaes, a flora enorme das victorias regias. Capitaneava a expedição uma alma fogosa de bispo, que lembrava no arrojo, mas superava infinitamente no ideal, os genios dos Ayolas, dos Cabeças de Vacca, dos Iralas, dos Nuflos Chaves, de todos esses ardegos conquistadores, cujo roteiro elle ia refazer em parte, para entrar, emfim, na grande rota dos bandeirantes paulistas.

Chegam a Cuiabá. Era o dia 18 de Julho de 1894. Após um seculo e mais, por iniciativa do zelo apostolico de D. Carlos e do benemerito Governo Murtinho, iam succeder aos jesuitas na catechese dos Boróros.

Aquelles missionarios eram os salesianos de D. Bosco, e o seu chefe era o Bispo de Tripoli, era D. Luiz Lasagna, que dahi a pouco, no desastre ferroviario de Juiz de Fóra, iria encontrar, em meio aos esplendores sideraes do seu apostolado, a morte triumphal da aguia de Heredia.

Ficou em seu lugar o Padre Antonio Malan, o actual Bispo de Petrolina, que foi o verdadeiro espirito organizador e in-quebrantavel da catechese.

O que tenha sido esta, não vos direi: seria deixar-me trahir pelo coração, numa suspeição contraproducente. Mas a Missão lá está: ha já um quarto de seculo que ao termo de outras tentativas, ella se fixou definitivamente no centro mais assolado pelas devastações da tribu revoltada.

A paz é completa. E á sombra da paz, protegida pelo symbolo da Religião e pela bandeira da Patria, o gentio se catechiza, se educa, se regenera: é a civilização. A Santa Sé elevou aquellas Missões á categoria alta de Prelazia: foi a sagração da fé.



Faltava-lhes a consagração da sciencia. Esta veio agora: é um alentado volume de 472 paginas, luxuosamente impresso na Europa, com mappas e gravuras interessantissimas, em que o missionario Padre Antonio Colbacchini, o maior sabedor actual de cousas da tribu, reunio em synthese monumental os trabalhos scientificos da Missão Salesiana em Matto Grosso.

E' a obra publicada recentemente em italiano, sob o titulo: *I Boróros orientali "Orarimugudoge" del Matto Grosso (Brasile)*, e da qual tenho a honra de offerecer hoje um exemplar ao Instituto.

Este livro, que tem chamado a attenção do mundo scientifico, parece esgotar os assumptos concernentes á velha tribu, distribuindo-os em cinco partes: noticias ethnographicas, mythos, grammatica, textos e cantos religiosos.

Ao compulsar tão profundos estudos, tem-se a impressão de que a catechese salesiana, já digna de eternos premios diante de Deus, immortalizou-se tambem, nessas paginas, perante a sciencia e a humanidade.

#### PERORAÇÃO

Ahi tendes, Senhores, os verdadeiros heróes da epopéa civilizadora, que neste Centenario se evoca. Mas a par destes, cujos nomes affloraram á luz perenne da historia, e desde o primeiro jesuita, Alonso Arias, sagrando com o seu sangue as terras do Sul, hoje pertencentes a Matto Grosso, até o ultimo missionario salesiano, sepulto na solidão dos valles do Araguaya, vai ainda toda uma pleiade de martyres anonymos da civilização, clerigos e leigos, religiosos e presbyteros seculares do habito de S. Pedro, que a justiça da posteridade, pelo orgão do Instituto Historico e Geographico Brasileiro, hoje salva do silencio e da sombra das tumbas sem lapide.

E assim como a piedade nacional do povo italiano, erigiu na Cidade Eterna, um monumento ao soldado desconhecido, levantemos tambem nós, neste Pantheão da nossa Historia, o altar symbolico aos apostolos sem nome.

A mór parte delles foram, como sabeis, estrangeiros generosos, que tudo sacrificando no mundo, vieram repetir ao brasileiro autochtone as palavras do poeta:

Irmãos! eu vim trazer-vos minha vida,  
Vim trazer-vos Jesus!

Muitos delles não lograram o supremo consolo de repousar na terra banhada com os seus suores e afofada pelo carinho dos seus neophytos; alguns terão talvez os restos mortaes dispersos e profanados num desvão da floresta; outros, emfim, mais felizes, dormem placidamente á sombra da cruz, ao lado da Capella da Missão, no camposanto nostalgico do deserto.

Visitei um desses tumulos solitarios. Foi ao sopé de um morro, morro selvagem, onde a natureza ostentava ainda a bruta flor da sua belleza virginal e primitiva.

Um só cruceiro tosco de vinhatico velava sobre a campa, e em seus braços, as passifloras e orchideas bravas desabrochavam nas petalas bizarras, a côr dolente e liturgica da tristeza. Mas, no alto, farfalhando em céos de eterno azul, os buritis alvicaireiros psalmodiavam aos vertos do planalto, as preces de uma saudade cheia de esperanças.

A' flor do sepulchro, onde viçavam ainda as ultimas corollas, que a piedade das crianças indigenas nelle depositára, uma laconica inscripção lembrava apenas o nome do martyr.

Alli jazia um velho missionario. Nascêra no além-mar, mas tudo desamára sobre a terra, para consagrar-se inteiramente á salvação das almas silvicolas. Alli vivêra feliz na humildade do seu trabalho, e alli tombára com o sorriso ainda nos labios, e os olhos voltados para as estrellas, não as estrellas verdes e phantasticas do Caçador de esmeraldas, mas as estrellas claras do seu idéal de apostolo, gravado em pleno céu, na sagrada constellação do Cruzeiro.

São estes, senhores, os martyres sem amphitheatros. São estes os heróes sem poemas. São estes os grandes, cujos nomes não passarão, quando muito, das chronicas escusas dos conventos, mas a quem o Instituto Historico e Geographico Brasileiro, pela voz do ultimo dos seus socios, quiz hoje glorificar, através dos véos diaphanos desse mesmo sublime anonymato.

E quando o Instituto abre as portas do seu Pantheão enflorado assim para os ritos da saudade e da gloria, a alma do Brasil aqui está genuflexa, e é ella que hoje aqui sinto ajoelhar-se, commovida e grata, nesta apotheose dos apostolos anonymos do sertão da minha terra." (*Calorosos e demorados applausos.*)



---

RESPOSTA DO DR. B. F. RAMIZ GALVÃO

---





“Exmo. Sr. Presidente do Instituto e dignos consocios,  
Exmos. e Revmos. Senhores,  
Minhas Senhoras e meus Senhores,  
Preclaro Sr. arcebispo d. Aquino Corrêa.

Tivemos aqui um dia a honra e o prazer de receber o illustre monsenhor Julio Tonti, arcebispo de Ancyra, mais tarde cardeal da Santa Igreja, e então Nuncio Apostolico no Rio de Janeiro; saudou-o com todas as honras o nosso benemerito visconde de Ouro Preto, cuja palavra tersa e autorizada interpretou com raro brilho os sentimentos da nossa companhia.

Principes da Igreja Brasileira, não menos de dezoito, honraram já com os seus nomes o quadro social do nosso INSTITUTO HISTORICO, que ha perto de um seculo, em trabalho constante e altamente patriotico, procura attrahir ao seu seio varões illustres, distinctos e operosos em todos os departamentos sociaes.

Entre os dignos prelados, eminentes pela virtude ou pelo saber, cuja longa serie me dispense de enumerar, poucos, entretanto, bem poucos, tiveram occasião de abrilhantar essa tribuna, donde acabamos de ouvir com indizivel encanto a palavra eloquente de V. Ex. Revma., Sr. Arcebispo de Cuiabá. Caso é, pois, de se assignalar *albo lapillo* a data de hoje nos nossos Annaes.

Foram apenas tres os prelados patricios, a que me refiro: o nosso Eminentissimo Cardeal Sr. D. Joaquim Arcoverde, e os saudosos D. João Baptista Corrêa Nery, bispo de Campinas, e D. José Lourenço da Costa Aguiar, bispo do Amazonas.



Entre outros egregios prelados, uns, membros correspondentes, e outros honorarios do INSTITUTO, avultam sem duvida nomes conspicuos, que a Posteridade venera, taes como: os arcebispos D. Romualdo Antonio de Seixas, D. Antonio de Macedo Costa e D. Silverio Gomes Pimenta, e os bispos D. Manuel do Monte Rodrigues de Araujo, D. José Antonio dos Reis e D. Carlos Luis d'Amour, — estes ultimos dous, dignos antecessores de V. Ex. Revma. na diocese de Cuiabá.

Hoje temos aqui a fortuna de receber o terceiro bispo dessa longinqua região brasileira, que julgamos fadada para grandes destinos, graças aos seus immensos thesouros naturaes e ao patriotismo de seus filhos, — patriotismo que é tambem thesouro do mais fino quilate, e portanto inestimavel.

A oração, com que V. Ex. Revma. acaba de nos deliciar, preclaro senhor D. Francisco de Aquino Corrêa, não foi surpresa para nós que conheciamos o alto merito de V. Ex. por varios fructos opimos do talento, da piedade e do acendrado patriotismo, que o caracterizam, glorioso filho de Matto-Grosso.

Filiado á Congregação dos Padres Salesianos, que tantos vultos notaveis tem dado á Igreja, — doutor em Philosophia pela Faculdade de Santo Thomaz de Aquino, e em Theologia pela Universidade Gregoriana, tão notaveis predicados revelou V. Ex. Revma. que a Santa Sé o elevou em 1914 a bispo titular de Prusiade, conferindo-lhe a honrosa tarefa de auxiliar o eminente prelado d. Carlos d'Amour, — aquelle santo varão, cujas virtudes me foi dado proclamar neste mesmo recinto em 1924, quando a morte o colheu.

Vaga a diocese de Cuiabá por este fallecimento, foi V. Ex. Revma. chamado a succeder no governo da Igreja mattogrossense, e, de então até hoje, sabemos todos quão notaveis serviços ha prestado ao seu amado torrão natal, já nas funcções de prelado e esclarecido director de almas, já na qualidade de administrador do seu Estado, escolhido em 1917, qual anjo da paz, para apagar o incendio funesto de uma convulsão politica, que então agitava Matto-Grosso.

Não me cabe nesta hora sinão alludir em breves termos

ao luminoso papel que V. Ex. representou tanto em uma funcção como noutra. — ambas de alto relevo aliás, e capazes de lhe angariar a profunda veneração dos seus conterraneos, assim como a do INSTITUTO, que acompanha solícito a historia dos grandes vultos da Patria.

O que pretendo neste momento é applaudir o movimento feliz desta corporação, que chamou V. Ex. ao seu gremio, e os dotes singulares do novo batalhador que, de hoje em diante, reforça e abrilhanta as nossas fileiras.

Traz V. Ex., Sr. Arcebispo, como titulos justificativos dos nossos votos, além de insignes serviços á Igreja, documentos outros de alto valor. Entre ellas figura o *Elogio Academico* do padre-mestre José Manuel de Siqueira, cuiabano illustre, a cujos meritos esquecidos V. Ex. prestou no Centro Mattogrossense de Letras, em 1925, uma brilhante homenagem.

Posso e devo ainda citar o bellissimo livro *Terra Natal*, a cuja 2ª edição V. Ex. deu maior brilho com um *Prefacio* realmente primoroso, em que se retrata a sua alma de artista, educado na eschola de Roma, essa eschola, “onde tudo vibra musicalmente em sensações estheticas, desde a formosura divina dos seus Apollos até os marmores modernos e veludosos de Canova, desde as creações vivas de Rafael até o mysticismo dourado e vaporoso de Fra Angelico, desde as veneraveis e graves harmonias de Palestrina até as leves canções populares que revôam nas primeiras brisas da primavera”. Estes bellissimoos conceitos são de V. Ex., Sr. Arcebispo, e são de tal ordem que não me atrevo a supprimilhes uma palavra sequer.

E que é todo esse livro — *Terra Natal*? Um hymno ardoroso, cantado pelo eminente Cuiabano aos heróes do seu berço, ás cidades e aos grandes rios do Estado, — um “que riça o immenso dorso em mil cachoeiras, como um dragão a urrar nas ondas bravas”, — outro “que rola magestosamente sobre diamantes, na itaipava hirsuta”.

Outra obra lavrada com primor por V. Ex. Revma. tem por titulo *Odes*, onde refulge o talento de um poeta christão; ha alli “os transportes deliciosos de uma alma de noviço, de sacerdote e de bispo, para quem Deus é o ideal dos ideaes, a Poesia infinita, pela qual tudo é bello, sem a qual tudo é nada”.



O *Preludio*, que antecede a este novo collar de perolas offerecido pelo autor aos seus contemporaneos, retrata-lhe igualmente o alto espirito religioso e são, inspirado nas fontes purissimas do Christianismo, nas "velhas paginas de Job, na perenne extase lyrica dos *Psalmos*, nos perfumosos idyllios dos *Cantares*, nos patheticos threnos de Jeremias, no estylo grandioso dos Prophetas, nas encantadoras parabolhas do Divino Mestre". Sempre palavras de V. Ex., e palavras de ouro.

A ninguem se afigure extranho que um arcebispo empunhe a lyra, quando o fizeram Santo Thomaz de Aquino, S. João de Deus, Santa Teresa, e ainda não ha muitos annos o excelso pontifice Leão XIII, — esse luminar que honrou sob todos os aspectos a cadeira de S. Pedro.

Para o Exmo. Sr. Arcebispo D. Aquino a Santissima Virgem é a celeste Musa, que elle invoca todos os dias; o poeta palpita por ideaes purissimos e só pede a Deus "que possa repetir seus cantos sem remorsos á beira do tumulo, não como echo nostalgico do mundo, mas sim como um preludio e aneio de canções eternas".

A todas estas revelações de um espirito superior o nosso eminente confrade accrescenta um predicado, que é tambem para o INSTITUTO uma virtude excelsa: o mais caloroso patriotismo, que transpira de todos os seus actos, de todas as suas formosas orações.

Ainda ha poucos dias, em uma festa popular, V. Ex. Revma. sentiu que a sua palavra se transfigurava nas vibrações de uma prece. Que pedia o principe da Igreja?

"Que Deus abençõe sempre o Brasil, que Deus abençõe sempre os Brasileiros, afim de que estes se formem sempre mais á imagem desta terra grandiosa, e possamos sempre mais saudar a nossa Patria, grande nas magnificencias da sua natureza, e maior ainda nas energias moraes e constructoras de seus filhos."

Este santo amor patriotico, proprio das almas nobres, foi o movel que ainda uma vez inspirou a V. Ex. Revma., Sr. Arcebispo, neste memoravel discurso, que acabamos de applaudir.

Com intenso fulgor passaram ante nossos olhos os vultos venerandos de sacerdotes que, bravos soldados da Fé, nuncios da palavra de Jesus, curtiram agruras e se immortaliza-

ram na missão augusta de levar o facho da civilização e da boa doutrina aos cantos mais remotos da terra que lhe foi berço, e onde hoje V. Ex. Revma. exerce um brilhante apostolado, que oxalá se prolongue por muitos annos para felicidade do povo malto-grossense.

O INSTITUTO, sr. Arcebispo, que V. Ex. Revma. teve a gentileza de denominar "mirante da historia" e em cujo recinto paira, como disse, "a sombra augusta daquelle que foi entre nós, ao mesmo tempo, Cesar e Mecenas", — o INSTITUTO, applaudindo com V. Ex. a apothese da lendaria Sé Cuiabana que, nesta capital, com tanto brilho se celebrou sob os auspicios da sua palavra vibrante, recebe a V. Ex. nesta hora como a um legitimo triumphador.

Estamos seguros de que, glorioso soldado desta cohorte, não deixará de illuminar-nos com paginas brilhantes dessa odyssea, que ainda não foi escripta, cujos heróes, "andarilhos sublimes do Evangelho, pontilharam com a haste da CRUZ a via lactea da civilização atravez do Continente".

Com a alma do Brasil, que aqui está concretizada neste Pantheão, posso affirmar a V. Ex. Revma. que esse formoso capitulo da Historia Brasileira, por seu escopro burilado, será objecto do applauso sincero de todos nós, que adoramos a nossa terra e a queremos ver grande, prospera e grata aos seus maiores.

Trabalhe V. Ex. nesta obra meritoria, sr. Arcebispo d. Aquino, tendo em lembrança o nosso INSTITUTO, com esse mesmo amor ardente que vota á belleza do Ideal, á Justiça e ás glorias do querido torrão.

V. Ex. é de certo um grande servidor de Deus e da Patria. Em nome de Deus a Posteridade o bendirá; em nome da Patria, o INSTITUTO HISTORICO E GEOGRAPHICO BRASILEIRO, que é templo das nossas tradições seculares, e onde tambem o culto da Patria e da Justiça impera soberano — o INSTITUTO o saudará, como hoje o saúda, com palmas calorosas.

Salve! insigne batalhador da Fé! Salve! cultor insigne da Poesia que eleva os corações ao infinito, e da Historia, que é a luz da Verdade, que é a grande Mestra da Vida." (*Prolongadas palmas.*)

O SR. CONDE DE AFFONSO CELSO (*presidente perpetuo*) felicitando os dous oradores, diz que encerra a memoravel ses-



são de modo adequado, formulando, em nome do INSTITUTO, calorosos votos pela prosperidade e glória do grande Estado de Matto-Grosso, tão opulento de magníficos recursos e inestimáveis possibilidades, quanto de inclytos feitos na paz e na guerra.

Salve! terra de Joaquim Murtinho, de Rondon e de d. Aquino! (*Grandes applausos.*)



## INDICE

Acta da Sessão . . . . .	3
Discurso de D. Aquino . . . . .	5
Resposta do Dr. Ramiz Galvão . . . . .	27



RIO DE JANEIRO  
IMPRESA NACIONAL  
1926